

BAÚS

LÚCIO ALCANTARA



ILUSTRAÇÕES BERNARDO FRANÇA



BAÚS

Lúcio Alcântara

Ilustrações Bernardo França

Fundação Waldemar Alcântara – FWA

Fortaleza
2010

Poesia
Lúcio Alcântara

Ilustrações e capa
Bernardo França

Projeto Gráfico
Joana França

Fotografias
Cláudio Pedroso e Joana França

Alcântara, Lúcio Gonçalo de

Baús / Lúcio Gonçalo de Alcântara ; ilustrações,
Bernardo França. – Fortaleza: FWA, 2010.

20p. : il.

ISBN 978-85-61865-11-5

1. Poesia I. Título

Fundação Waldemar Alcântara
Rua Júlia Vasconcelos, 100
CEP: 60.120-320 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3257.6927 - Fax: (85) 3241.2433
www.fwa.org.br

BAÚS

A Propósito da Dedicatória

Em lugar de *mar*, leia-se *luar*. A gralha tem beleza, mas falseia o original. A mantê-la, seria justo desse crédito ao gráfico que a montou.

A falha está longe do erro famoso que *cegara* o tipógrafo na troca de um *e* por um *a* na segunda edição (Garnier, 1902) das "Poesias Completas" de Machado de Assis.

O engano impresso transformou os exemplares em raridades disputadas por bibliófilos.

O Autor

Para Maria Beatriz,
meu sol, minha lua,
minha flama, meu mar

Baús, que se segue a **A Casa da Minha Avó** e a **O Rio da Minha Infância**, publicados em opúsculos, encerra uma trilogia da memória.

A Casa é a memória edificada, o casarão avoengo, povoado de personagens com seus usos, onde passei a inocência da infância e os sonhos adolescentes.

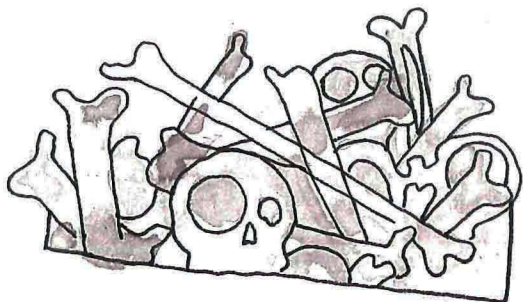
O Rio é a recordação do território, geografia física e sentimental, evocação da natureza, palco da vida descuidada de criança.

Baús é feito de papéis envelhecidos que guardam datas e fatos, alfaias nupciais, protegidos do tempo, esquecidos em vetustas arcas.

O fim da série não significa que a matéria se esgotou. Longe disso. Há ainda muito por desvelar nesse palimpsesto da memória. O que me falta por ora é o impulso irresistível, única razão para que escreva um texto de memória.

Lúcio Alcântara

Fortaleza, dezembro de 2010

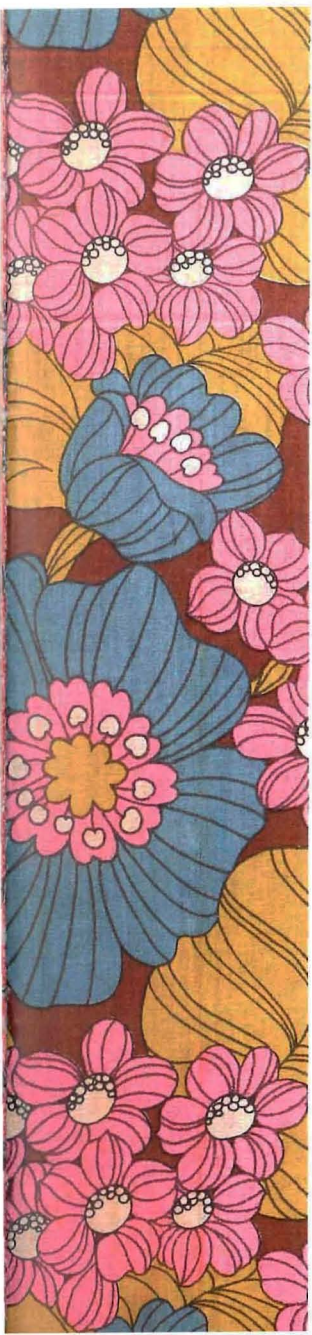


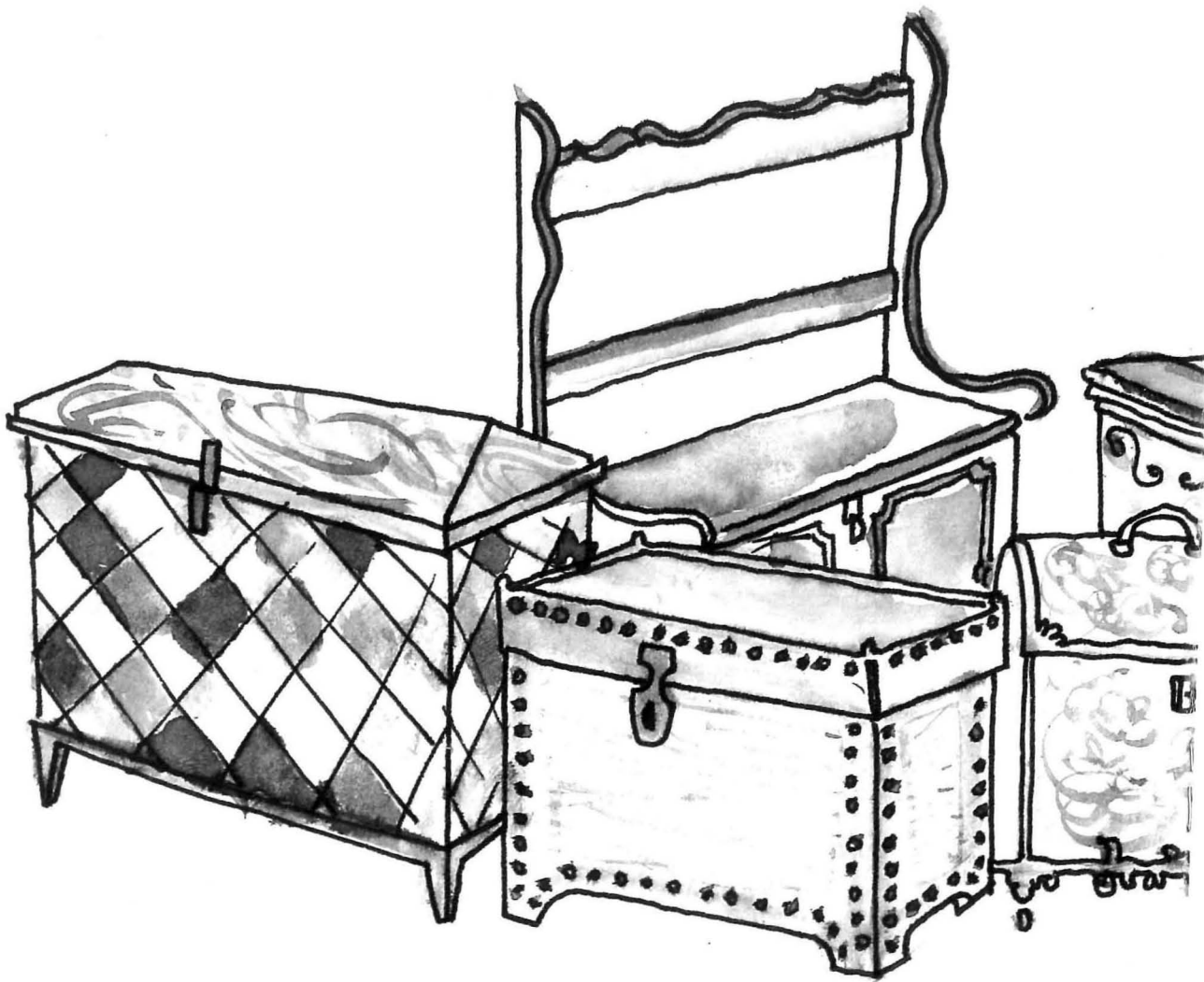
Pedro Nava tinha
Um baú cheio de ossos,
Esqueleto de memórias
Calcificadas.



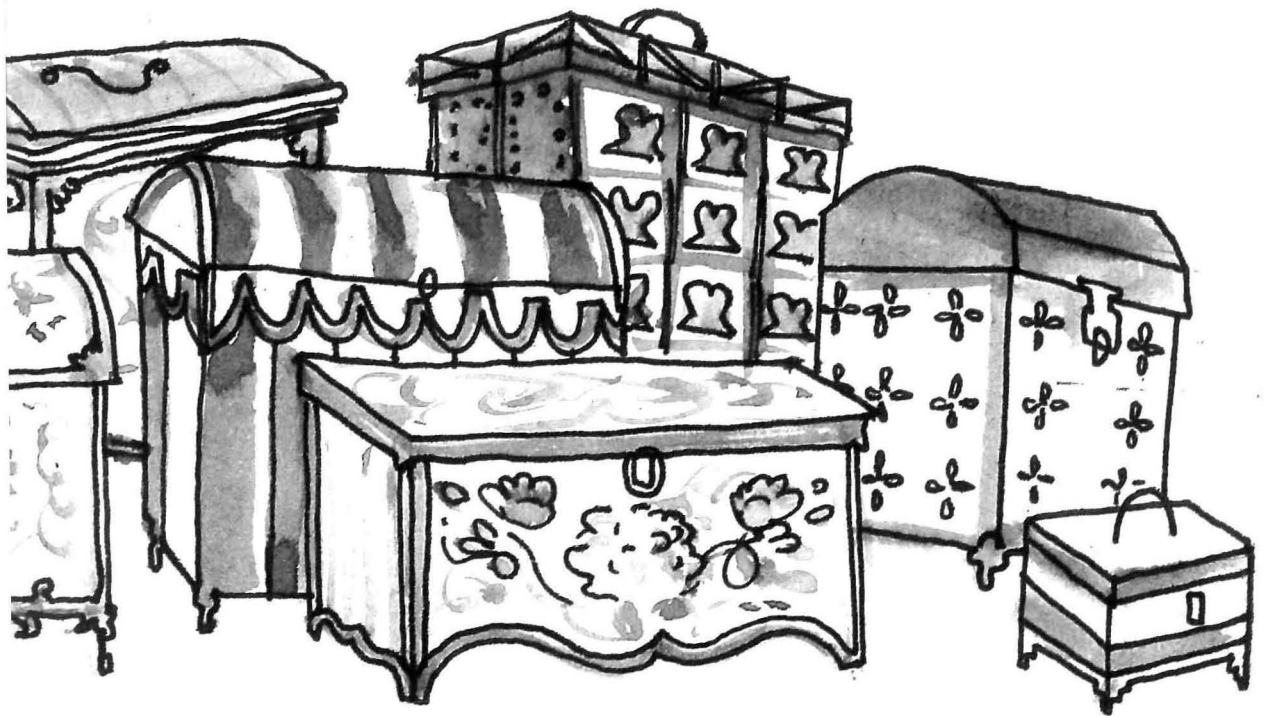


Os ossos do meu baú
São papeis cheios de lembranças,
Lembranças cheias de fantasmas,
Fantasmas cheios de saudade
Talhada em pedra,
Imune à erosão dos anos,
Escondida do tempo no baú.

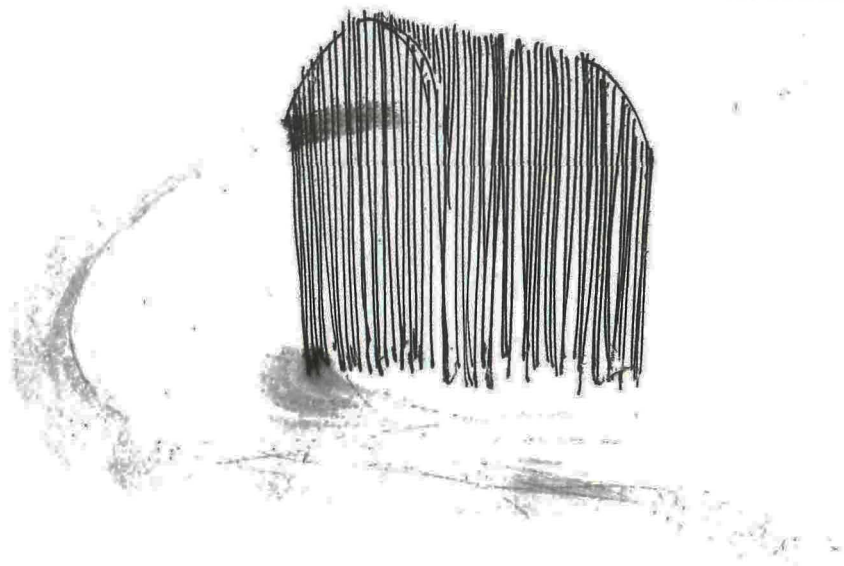




São muitos o meu baú.



Um, repleto, rescende
Ao cheiro novo
Das coisas velhas.



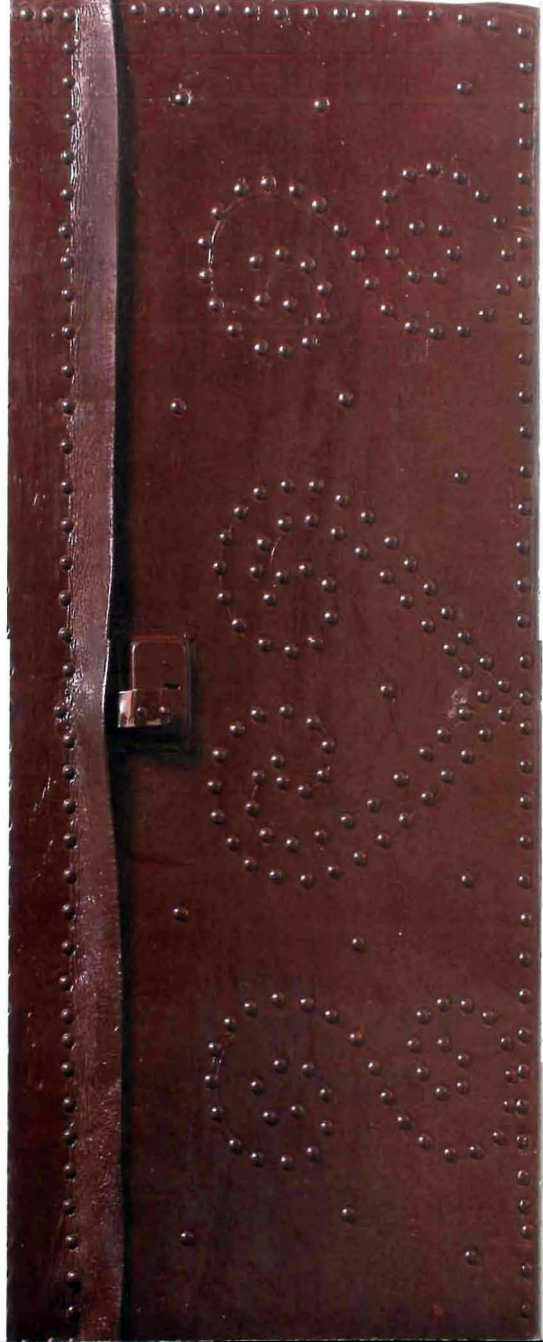


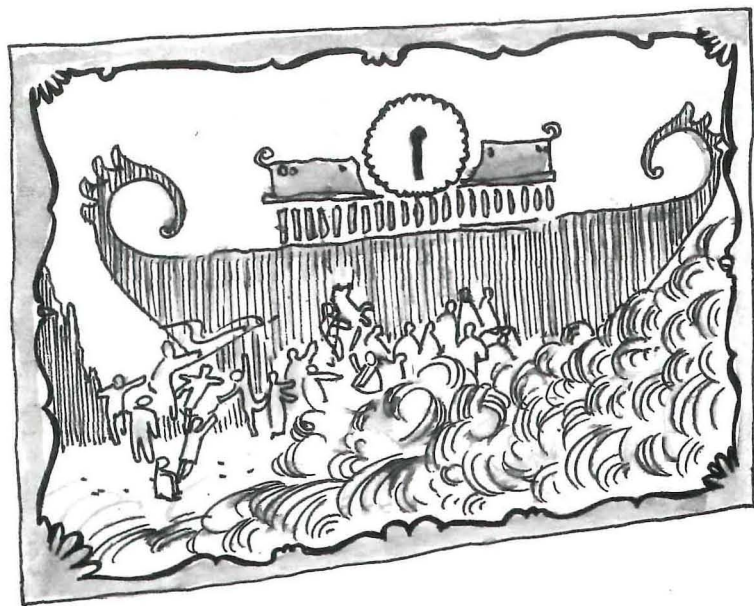
Outro, centenário,
Feito e costurado
Do couro que vestiu
Os bois do sertão,
Armazena o tempo
Em antigos calendários,
Parceiros dos meus dias
Decorridos no tom sépia
Das fotos desbotadas.



**Ao transpor os umbrais
Do internato minha mãe
carregava na mala
Tosca de madeira
Apreensões adolescentes.**

Anos mais tarde
Trazia na mesma mala
Lições eternas da Madre Petribu.





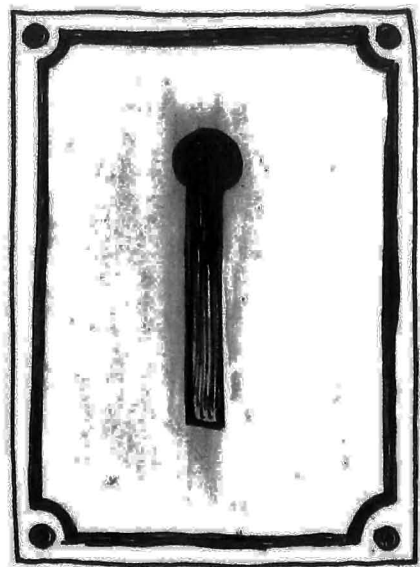
A arca do Oriente
Na travessia entre
Dois mundos encalha
Numa cave de Lisboa.



Perfuma de cânfora
O linho do enxoval
Da minha noiva
Que o tempo pintara
De amarelo.



**Nos baús que guardam
Minha história
Adormecem páginas
Do destino emitidas
Pelo ofício de viver.**



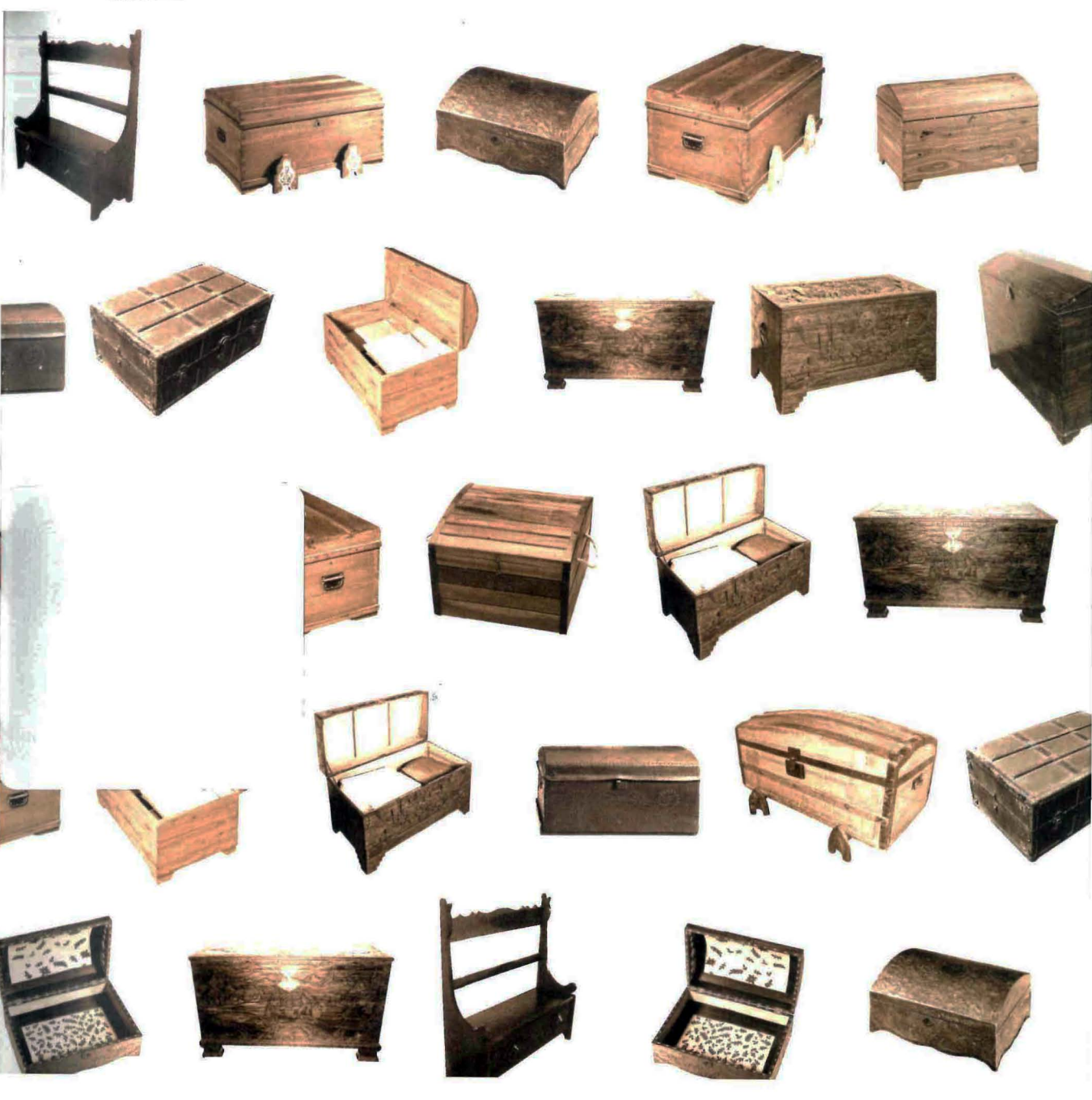
Esta obra foi impressa em 2010.

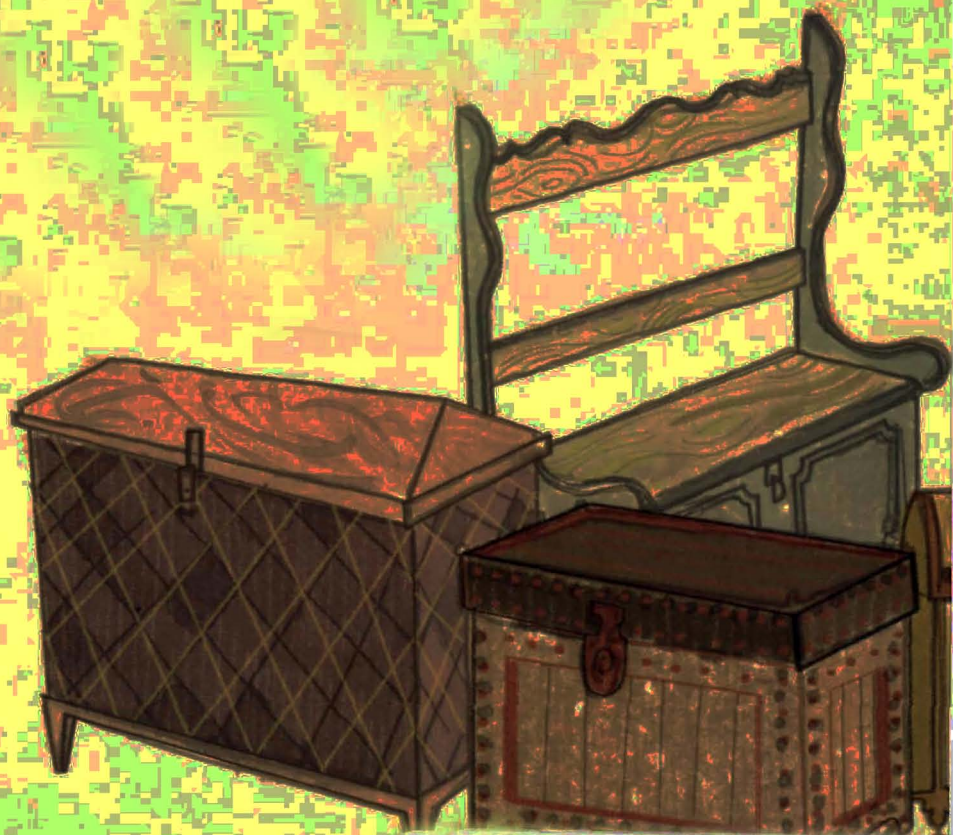
Ano do quarto centenário de morte do pintor Michelangelo Caravaggio.

Ano do nonagésimo aniversário de nascimento do poeta João Cabral de Melo Neto.

Ano do centésimo décimo aniversário de nascimento do historiador Raimundo Girão.

Esta obra foi impressa pela Expressão Gráfica Editora Ltda., em papel couchê fosco 230m/g² e capa em duo design 250m/g², em dezembro de 2010, com tiragem de 500 exemplares.





EDITORA LABIRINTO



FUNDAÇÃO
WALDEMAR ALCANTARA

